

Aprender com Deus: viver o momento presente e caminhar apenas um passo após o outro. Não tenhas pressa! Eu vou estar convosco!



Por Elena Suarez

Eu sabia que precisava de um retiro espiritual. Tinha estado a gerir o meu negócio nos últimos dez anos sem um retiro, por isso a minha alma ansiava por ele. O Caminho de Santiago estava na minha "lista de desejos" e sempre pensei em fazê-lo quando terminasse a minha carreira, para me ajudar a descobrir o que fazer nos meus anos de reforma. Enquanto planeava o meu Caminho de Santiago, o Senhor interveio e redireccionou-me para o Caminho Inaciano. E estou muito contente por Ele o ter feito.

O meu pai foi educado pelos jesuítas em Cuba, e eu fui batizado por um padre jesuíta, mas esta peregrinação foi a minha primeira exposição à espiritualidade inaciana. Como fui abençoado por ter sido o P. José Iriberry a apresentar-me a S. Inácio. Ter esta introdução enquanto seguia o mesmo caminho e estava em alguns dos mesmos lugares em que Santo Inácio viveu, rezou, lutou e se alegrou é uma dádiva pela qual ficarei eternamente grato e que nunca esquecerei.

A viagem exterior é muito mais fácil de descrever do que a viagem interior, mas vou tentar relatar algumas das percepções e graças que recebi neste Caminho:

- "A vida é como uma peregrinação, por vezes bela e por vezes dolorosa". "Uma vida tranquila e simples é o estado de espírito da peregrinação". Estas foram algumas das palavras que ouvi do P. José no nosso primeiro encontro. Elas prepararam o terreno para o que estava para vir. A rotina diária, sem ter de me preocupar com o que comer, onde ficar, o que vestir, etc., e a capacidade de estar no momento para desfrutar das surpresas e viver as lutas eram exatamente o que o meu espírito precisava.
- No Dia 3 (a nossa primeira caminhada longa, que acabou por não ser nada comparada com algumas das últimas!), fui levada às lágrimas algumas vezes. No início da nossa caminhada, fiquei muito comovida com a beleza do local por onde passámos e com a gratidão que senti por poder estar ali, por ter tempo para viver esta viagem e por conhecer e caminhar com estas pessoas fantásticas. Mais tarde, quando se tornou muito difícil subir a montanha em que estávamos nesse dia, as lágrimas voltaram a correr. Esta luta física pôs-me em contacto com todas as lutas da minha vida. Um dos meus companheiros de peregrinação caminhava silenciosamente cerca de três metros atrás de mim e, através dele, senti a presença de Jesus e lembrei-me de como Ele tem andado



sempre silenciosamente atrás de mim, para se certificar de que não me esforço mais do que o necessário. Como Ele está sempre pronto para me apanhar se eu cair. Quantas vezes Ele esteve presente para me salvar de mim próprio.



- O quarto dia foi igualmente exigente do ponto de vista físico, mas teve um final feliz. As Irmãs do convento de Eguino ficaram muito felizes por nos verem, as nossas roupas estavam a ser lavadas (uma das muitas surpresas) e tivemos tempo para refletir. Vim para esta peregrinação com a pergunta: "O que é que o Senhor quer que eu faça a seguir na minha vida?" Durante a homilia de ontem à noite, o P. José sugeriu que talvez não haja uma resposta específica para essa pergunta. Talvez a minha resposta seja apenas ir passo a passo (como na nossa caminhada) e confiar n'Ele. Ter fé n'Ele e concentrar-me sempre no que posso fazer "para a maior glória de Deus".

- Dia 6: No meu diário de hoje, escrevi que reparei que reajo demasiado às opiniões das pessoas e que preciso de deixar isso de lado. Não me lembro dos pormenores, mas é definitivamente algo em que tenho de continuar a trabalhar.

- Dias 7 e 8: O Pai está a fazer com que nos concentremos nos nossos pecados a partir da perspectiva da distância entre o grande amor de Deus por nós e a forma como respondemos a esse amor. Uma das lições mais valiosas que recebi nesta viagem veio-me num sonho na noite do sétimo dia, penso que como resultado de me ter concentrado no facto de me queixar demasiado. A bolha que se estava a formar na parte inferior de um dos meus dedos do pé e a dor nas coxas, nos gémeos, na verdade, em quase todo o meu corpo, tinham atingido um nível tal que eu não sabia como iria caminhar mais 17 km no dia seguinte e 32 km no dia seguinte, e estava a queixar-me muito internamente sobre isso. Betty, a minha amiga de longa data, apareceu no meu sonho nessa noite. A Betty morreu no ano passado devido a uma doença muito rara que deteriora lentamente todos os músculos do nosso corpo ao longo do tempo. No final da sua vida, não conseguia levantar os braços ou as pernas. Quando acordei, apercebi-me que ela tinha vindo lembrar-me de estar grata por ter músculos



que
doem.
Não

me lembro de ter sentido a dor que existia depois disso. Também recebi a mensagem de que o Senhor quer que eu pare de me queixar.

- Ao percorrer uma das etapas mais longas do Caminho, tivemos uma das surpresas mais felizes enviadas por Deus para nos ajudar neste dia de caminhada mais longa: o cão Rufo! Rufo guiou-nos durante metade da caminhada até Jorba, o dia de 35 km. Ele trouxe uma sensação de diversão e alegria à caminhada que eu mais temia por antecipar o quão longa ela seria. Este foi mais um lembrete para confiar no Senhor e não antecipar.

Ele estará sempre presente para nos ajudar no nosso caminho, um passo de cada vez.

- A caminho de Monserrat, no 11º dia, o Padre José fez-nos refletir sobre o que deixaríamos simbolicamente no altar da Virgem Negra, Nossa Senhora de Monserrat, e o que vestiríamos, como Inácio tinha feito com a espada que deixou e o manto de peregrino que vestiu. Depois de ter mudado de ideias várias vezes durante a nossa caminhada desse dia e de ter refletido sobre o apego que tenho às minhas comodidades e a fazer sempre as coisas à minha maneira, decidi deixar os meus desejos egoístas e vestir a túnica da humildade. Não vai ser fácil, mas vou esforçar-me por isso com a graça de Deus.
- Chegar a Manresa foi uma experiência agrídoce. Estava feliz por termos conseguido. O desafio físico tinha terminado e a sensação de realização era ótima. No entanto, sabia que estávamos a chegar ao fim do nosso tempo juntos e senti-me triste com isso. Para dizer a verdade, eu não queria deixar Manresa. Estava perfeitamente disposto a ficar na Gruta de Santo Inácio para sempre.

Desde que regressei a casa, tenho passado por muitos sentimentos. Senti-me triste por me ter separado do grupo. O facto de onze pessoas aleatórias de todo o mundo poderem convergir num tempo e lugar específicos para partilhar esta viagem física e espiritual, tornando-se como uma família (dormindo, comendo, caminhando, rindo, chorando e partilhando as nossas vidas) e depois seguirem caminhos separados e talvez nunca mais se verem, tem sido difícil para mim processar. Finalmente, percebi que cada pessoa com quem vivi este Caminho era uma dádiva de Deus, tal como todas as outras dádivas que Ele me mostrou no Caminho. Eram para ser desfrutados no momento, sem apego. Deus quer que eu me apegue apenas a Ele e quer que eu esteja aberta e disponível para os novos presentes que Ele quer me dar hoje.



Então, o que é que se segue para mim? Quero definitivamente continuar a aprender e a aprofundar a espiritualidade de Santo Inácio. Vou procurar livros, retiros locais e espero encontrar um padre jesuíta que me possa orientar ao longo do caminho. Posso até voltar e fazer a peregrinação de 30 dias daqui a dois ou três anos.

E, entretanto, concentrar-me-ei no seguinte:

- Basta pôr um pé à frente do outro, lembrando-me de que sou um peregrino na minha vida.
- Confiar em Deus e ter fé n'Ele.
- Refletir sobre o melhor e o pior de cada dia e sobre o que Deus me está a tentar dizer através deles, estando grato pelas Suas surpresas e pelas minhas lutas.
- Lembrem-se de ajudar os outros a "caminhar a milha e a carregar o fardo".

maio de 2018

